

RESENHA:**As Reformas na Europa**

LINDBERG, Carter. Trad.: Luís H. Dreher e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 164-237.

Capítulo 6 - A Reforma do homem comum: assistência social e educação

Enquanto Lutero estava no castelo de Wartburgo, o movimento da Reforma fora desdobrando em Wittenberg. No entanto, os desdobramentos provocados, principalmente pela ação de Karlstadt, acabariam desgostando Lutero. Karlstadt impôs autoritariamente uma reforma da missa na qual acabou com o batismo de crianças e ceia do Senhor foi interpretada como um memorial da morte de Cristo. Além disso, praticava uma destruição das imagens e altares nas igrejas. O ponto da discórdia entre Lutero e Karlstadt não era o cronograma das reformas, mas sim a própria compreensão de reformação.

Karlstadt rejeitava o batismo de crianças por dois motivos: primeiro, porque negava o ensinamento de Lutero acerca da fé representativa dos padrinhos; e segundo, porque afirmava a precedência do batismo do Espírito sobre o de água. Contudo não exigia o rebatismo.

Karlstadt tinha relações amistosas com o líder turíngio da Guerra dos Camponeses, Tomás Müntzer, e os dois haviam se influenciado mutuamente. Por outro lado, Karlstadt não concordava com alguns pontos de vista de Müntzer o que o deixou numa situação complicada. Depois de ficar uma semana refugiado, procurou Lutero que o acolheu com a promessa que desistiria de escrever seus escritos que iam contra o pensamento de Lutero. Lutero enxergava Karlstadt como apoiador da causa de Müntzer, embora Karlstadt não o apoiasse.

A vida de Karlstadt mudou significativamente, foi pastor de uma pequena comunidade, e também andou como um pregador itinerante. Em Zurique, Zwínglio o ajudou a Karlstadt foi diácono da grande catedral e c\pelão do hospital. Aquele que foi o segundo homem da reforma em Wittenberg, agora passaria onze anos de sua vida entre os pais do protestantismo reformado suíço.

Karlstadt foi um homem de influência por todo o lugar que passou, mesmo após a sua morte em 1541 pela peste, seus escritos continuaram a serem lidos. Foi um precursor da teologia pietista.

Tomás Muntzer é responsável, bem mais que Karlstadt, por desenvolver as conseqüências políticas e religiosas do espiritualismo.

Muntzer estudou em Leipzig e talvez em outras universidades. Recebeu os títulos de Bacharel e Mestre em Humanidades, e de Bacharel da Escritura. Conforme Lindberg cita, a dificuldade historiografia polêmica de deve a ausência completa de fontes e estudos acerca de suas origens e idéias. Conforme Friederich Engels, Muntzer era um teólogo que pregava a libertação da opressão social e política.

Para Lutero, Muntzer tornou-se símbolo da dissidência e da heresia que levaram, de maneira lógica, aos horrores da Guerra dos Camponeses e ao desastre posterior na cidade de Münster.

Muntzer tinha influencia humanista. Para ele, a Igreja que outrora era pura tinha se tornado uma meretriz e prostituta através do adultério espiritual introduzido por doutores que defendiam seus próprios interesses e por sacerdotes infiéis. Era contra o matrimônio de

religiosos e única justificativa de relação sexual no matrimônio era a ordem divina de gerar descendentes. Para ele os leigos, as pessoas comuns deviam ser os novos sacerdotes. A comunidade precisa ser purificada até que seja constituída apenas pelos eleitos, separados dos ímpios. A retórica humanista forneceu a Muntzer a categoria “a ordem das coisas” pela qual estruturava a sua teologia. Em termos retóricos, um processo revelatório que parte da ordem imanente da criação e leva até a estrutura da fala do Criador. O conhecimento de Deus não pode ser ensinado; ele somente pode ser conferido a alguém em conexão com uma fé operada pelo espírito e saturada de experiência. A palavra viva de Deus deve ser ouvida da própria boca de Deus, e não de livros, nem mesmo a Bíblia. Isto levou a prioridade de um ouvir humano orientado ao interior. Esse ouvir levaria as pessoas a passar de sua servidão em relação às criaturas para um processo de divinização em Deus. Neste pensamento, os teólogos que limitam a revelação à Escritura nada mais são do que escribas.

Muntzer tornou-se pastor em Zwickau em 1520, com a recomendação de Lutero e em 1521 foi expulso pelas autoridades, por se envolver em rixas sociais e provocar desordem pública.

As diferenças teológicas entre Muntzer e Lutero estavam ficando claras. O lema *sola scriptura* é substituída pelo *sola experientia*. O Deus que fala é o Deus que é experimentado diretamente no coração.

Muntzer passou a posição de pregador na igreja de São João em Allstedt, na Saxônia Eleitoral depois de um exílio. Lá passou a desenvolver os primeiros experimentos litúrgicos radicais na Saxônia. Em sua exposição do Sl 19, deixou claro que a teologia de Wittenberg da justificação somente pela fé era uma doutrina inventada. Muntzer designava-se a si mesmo como o martelo e foice de Deus contra os ímpios.

Na iminência de uma revolta, em 1524, Lutero escreveu a “Carta aos príncipes da Saxônia” sobre o espírito revoltoso, mostrando a loucura dos camponeses em reagir através da força e a confiar em Muntzer como pregador.

A Guerra dos Camponeses teria ocorrido sem Muntzer, mas ela lhe proporcionou o que ele entendia ser o contexto para a separação vindoura de eleitos e ímpios. Ela foi o sinal escatológico.

Em 1525, ele liderou um grupo de cerca de 7000 camponeses na Batalha de Frankenhhausen, convencido que Deus iria intervir ao seu lado. Muntzer foi capturado e sob tortura abjurou de suas idéias, sendo depois decapitado.

O principal escrito dos camponeses, mais conhecido por “Os doze artigos”, onde as suas reivindicações eram expostas. Neles havia artigos de fundo teológico, direito de ouvir o Evangelho através de pregadores chamados por eles próprios, e artigos que tratavam de abusos impostos a eles pelos nobres. Os artigos eram fundamentos com passagens bíblicas. Como apêndice, anexou-se uma lista de juizes que incluía Lutero.

Lutero escreveu sobre os “Doze artigos” e respondeu com sua “Exortação à Paz: resposta aos Doze artigos do Campesinato da Suábia”. Nele, Lutero censura os príncipes e senhores por cometerem injustiças contra os camponeses e censura os camponeses pela rebelião e desrespeito à autoridade.

Devidos aos fatos ocorridos, reforçaram a convicção de Lutero de que o mundo não deve ser governado por nenhum tipo de ideologia religiosa, nem mesmo pelo evangelho, mas sim pela razão e pela lei. Para ele, somente a fé era o fundamento capacitador da pessoa que se contenta em ser humana e em deixar Deus ser Deus. Lutero tentou desideologizar a política ao declarar que Deus, e não o partido ou a Igreja, é que é soberano na história.

Capítulo 7 – A conexão suíça: Zwínglio e a Reforma em Zurique

A reforma na Suíça veio ao público com o chamado “caso das salsichas”. Durante a quaresma as pessoas não podiam comer carne, no entanto, um impressor da época estava em apertos e queria concluir sua obra, uma nova edição das epístolas de Paulo. Para conseguir finalizar o seu intento ele serviu salsichas para o povo, isto provocou a quebra de jejum da quaresma e o poder eclesiástico se sentiu ridicularizado. O conselho da cidade prendeu o impressor Froschauer, todavia, ao invés da confusão se desfazer com o aprisionamento de Froschauer, ela tomou proporções significativas quando Zwínglio, que na época exercia uma posição eminente como sacerdote do povo junto à Catedral de Zurique tomou a defesa do transgressor. Em sua catedral ele pregou um sermão sobre “a escolha e a liberdade dos alimentos”. Logo, seu sermão foi impresso e se tornou um panfleto, a partir daí, Zwínglio declarou abertamente sua posição contrária à autoridade eclesiástica e política.

Ulrico Zwínglio (1484-1531) nasceu em uma próspera família camponesa em Wildhaus, aos 14 anos foi introduzido ao movimento humanista, também se dedicou à filosofia e à teologia. Em 1504 recebeu seu bacharelado em artes e em 1506 o mestrado. A partir daí, Zwínglio foi chamado para ser padre da paróquia de Glarus, ali foi apresentado a Erasmo de Roterdã e ao círculo humanista da Basileia.

O ministério de Zwínglio bateu de frente com os magistrados, não foi a sua teologia que os afrontou, mas sim, a sua orientação política. Zwínglio não era um pacifista, ele era um patriota, sua oposição tinha um duplo aspecto: econômico e político. Sua teologia foi amplamente difundida, ele pregou sermões contra as indulgências, contra a veneração de santos e demais imagens e também investiu contra a teologia escolástica. Zwínglio tomou conhecimento de alguns escritos de Lutero, todavia, não passava de um companheiro de luta para Zwínglio, pois, a teologia de Lutero parece não ter tido influência sobre ele, mas sim, o humanismo bíblico.

Depois que Zwínglio formulou sessenta e sete artigos que foi reconhecido como a carta régia das reformas religiosas em Zurique, foi então ele convocado a um debate para defender suas teses. Seus artigos afirmavam à salvação pela graça de Deus, insistia na autoridade plena da Escritura e final dela, rejeitava o papado, os santos, as ordens monásticas, o clero celibatário, a penitência e o purgatório. Zwínglio levou a melhor contra as velhas ordens, e o clero de Zurique recebeu ordens do Conselho para limitar a sua pregação à Escritura. A partir desse momento as reformas de Zwínglio alcançaram diversas vitórias. Filipe, um príncipe luterano alemão, estava convencido de que estava na hora de ser criada uma aliança política e militar internacional entre luteranos e zwinglianos, com a finalidade de proteção mútua contra os poderes contrários e de proporcionar o alastramento da Reforma. Logo, percebeu que seu intento era irrealizável, a menos que os antagonismos entre luteranos e zwinglianos quanto à Ceia do Senhor fossem deixados de lado.

Zwínglio morreu em batalha, depois de o avanço militar por cantões católicos, onde foi gravemente ferido e deixado em campo de batalha. Reconhecido foi-lhe desferido o golpe mortal, no dia seguinte, foi esquartejado, seu corpo incinerado com esterco, para que nada sobrasse para inspirar outros protestantes.

Luiz Carlos da Silva Filho

Ministro do Evangelho*

Ministério Bíblico Palavra Viva

luizcarlos@mbpalavraviva.org



(0xx51) 9319-1695

* Ministro do Evangelho no Ministério Bíblico Palavra Viva, São Leopoldo/RS. Pós-Graduando Especialização Aconselhamento Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil. Membro Associado Conselheiro Bíblico pela ABCB - Associação Brasileira de Conselheiros Bíblicos. Membro Certificado Conselheiro Cristão Pastoral pela IACCP - International Association of Christian Counseling Professionals.